

APAGAMENTOS E (IN)VISIBILIDADES LGBTQIA+ DO ESPAÇO CULTURAL DE BATURITÉ

Leonardo da Silva Leal¹

Robério Augusto Leal Sacramento²

RESUMO: A presente investigação objetiva compreender as inter-relações das experiências da população artística LGBTQIA + no Espaço Cultural de Baturité e seu processo de devolução voluntário pelo poder público à paróquia municipal. Temos como interlocutores, homens cisgênero, homossexuais artistas. Dentre outras experiências individuais e coletivas no Espaço Cultural a presença e ocupação se dava principalmente pela população LGBTQIA +, tanto para o desenvolvimento de práticas políticas e culturais, como ponto de encontro e acolhimento desses sujeitos. Ocupando o importante complexo arquitetônico foi construído para sediar o antigo Ginásio Salesiano Domingos Sávio, inaugurado em 1932 e fechado em 1971, o imponente prédio fica situado na Avenida Dom Bosco, S/N, centro de Baturité/CE. Metodologicamente, ao recorrer à história oral e conseqüentemente ao método de história oral de vida, buscamos compreender os impactos do fechamento enquanto principal equipamento cultural da cidade. As atividades culturais desenvolvidas, consolidaram-se em diversos usos e ressignificações do espaço a partir da reabertura como Espaço Cultural de Baturité pela gestão municipal em 2005, ano de sua fundação. Em meados de 2017 a Prefeitura Municipal reintegrou à posse da paróquia Cristo Rei, onde retomaram-se as atividades de celebração cristã, enquanto Igreja dos Arcanjos. Contudo, alinhamos a problemática para tencionamos junto aos processos discriminatórios e civilizacionais cunhados pela potência do cristianismo no município, principalmente pela falta de uma política cultural que efetivamente fortalecesse as práticas culturais já consolidadas pelos coletivos artísticos que constituíam uma identidade junto ao “Espaço Cultural de Baturité”, principalmente nos processos políticos e educativos que desempenhavam no espaço.

Palavras-Chave: experiências artísticas; pessoas LGBTQIA +; cristianismo.

¹ Estudante do curso de Especialização em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos e Mestrando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades (POSIH/MIH) pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Bacharel em Humanidades com Licenciatura Plena em História ambos pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Bolsista Institucional da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPPG/Unilab). Email: leoleal@aluno.unilab.edu.br

² Orientador do curso de Especialização em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos, do Instituto de Educação a Distância (IEAD) pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). E-mail: roberiosacramento@gmail.com

THE DENIAL AND (IN)VISIBILITY OF LGBTQIA+ PEOPLE FROM “CULTURAL SPACE IN BATURITÉ”

ABSTRACT: This investigation aims to comprehend the LGBTQIA+ population in their interrelations experiences at Espaço Cultural de Baturité (Cultural Space from Baturité) and its voluntary return process through the municipal public power to the parish church. As interlocutors, we have cisgender men and homosexual artists. Among other individuals and group experience in the Cultural Space, the presence and occupation was mainly by LGBTQIA+ population, for both politics and cultural development as a meeting point and refuge for these subjects. Occupying the most important architecture building which was built for the old Salesiano Domingos Sávio Gymnasium, it was opened in 1932 and closed in 1971. This building is situated on Dom Bosco Avenue, in Baturité/Ce downtown. Methodologically, we work with the oral history and the histories of life method with the purpose to comprehend the impacts of the closing as the main source of cultural place of the city. The cultural activities development were consolidated in several uses and re-signification of the space from the reopening as Cultural Space from Baturité by the municipal management in 2005, the year of its foundation. In the middle of 2017 the Municipal Government reintegrated property to the parish church Cristo Rei, where they returned to the Christian activities while Archangels Church. However, we discuss this problematic to intend to take to the discriminatory and civilizational processes controlled by the Christianism performance in this city, mainly by the missing cultural politics which could strengthen the cultural practices already consolidated in the artistic groups which constitute an identity joined to the “Cultural Space from Baturité” in the politics and education processes.

Keywords: art experiences; LGBTQIA + people; christianism.

INTRODUÇÃO

A presente investigação objetiva compreender as inter-relações das experiências da população artística LGBTQIA + no Espaço Cultural de Baturité e seu processo de devolução voluntária pelo poder público à paróquia municipal. Temos como interlocutores, atores, homossexuais cisgênero, membros da Companhia de Teatro Degraus, segundo o mapa cultural do Governo do Estado do Ceará ³ A Companhia foi formada como coletivo de arte, teatro, cultura, cidadania e fundada em 1982 na comunidade Riachão do Pantá zona rural de Baturité.

Dentre as diversas experiências individuais e coletivas vivenciadas no Espaço Cultural de Baturité, sempre foi marcada a presença e ocupação, principalmente pela população LGBTQIA +, para o desenvolvimento de práticas políticas e culturais, como encontros de formação teatral, educacional, exposições de arte e ponto de encontro e acolhimento. O Espaço Cultura compõe o importante complexo arquitetônico municipal, segundo Arruda (1990, p. 45),

O padre Luiz de Brito, fundador e 1º diretor do Colégio “Domingos Sávio”, tendo o padre José Giardelli, chegado da Itália no dia 18 de janeiro e o padre Joaquim Carrá, chegado de Nova York no dia 19 de fevereiro, os 3 sacerdotes Salesianos que, juntamente com o prof. Deodato Melo, chegado de Recife na véspera, estavam presentes à benção da capela e ao início das aulas no dia 9 de março de 1930. (Calendário Histórico, Cívico, Religioso de Baturité).

O imponente prédio foi construído para sediar inicialmente o Ginásio Salesiano Domingos Sávio, inaugurado em 1930 e encerrando suas atividades como colégio Salesiano Domingos Sávio em 1971, ao longo do século XX e das primeiras décadas do século XXI, várias instituições desenvolveram suas atividades no local que fica situado na Avenida Dom Bosco, S/N, centro de Baturité/CE.

Ao longo de minha trajetória de vida, me deparei com diferentes contextos relacionados com as questões de gênero e sexualidade. Sendo um sujeito homossexual, militante político e pesquisador, venho dentro dos espaços que atuo problematizando questões relacionadas as experiências da população LGBTQIA+, como a pesquisa em desenvolvimento no mestrado sobre o envelhecimento homossexual masculino, e

³ Sobre a Cia. de Teatro Degraus: [Mapa de Políticas Públicas do Ceará - CIA. DE TEATRO DEGRAUS-DESDE 1982 - Mapa Cultural do Ceará \(casacivil.ce.gov.br\)](http://Mapa de Políticas Públicas do Ceará - CIA. DE TEATRO DEGRAUS-DESDE 1982 - Mapa Cultural do Ceará (casacivil.ce.gov.br))

concomitantemente na Especialização em Gênero apresento o tema de pesquisa sobre “Apagamentos e (in)visibilidades LGBTQIA+ do “Espaço Cultural de Baturité.

Essa proposta surge no retorno ao Espaço Cultural de Baturité no dia 08 de fevereiro de 2020, na ocasião da celebração *in memoriam* de meu pai. A experiência gerou um estranhamento com o novo uso do espaço, enquanto Igreja dos Arcanjos. Na sua trajetória, o Espaço Cultural foi sede de outras instituições, primeiro como Ginásio Salesiano dos anos 1930 aos de 1970⁴, segundo como Escola Ensino Médio Domingos Sávio dos anos 1995 a 2003, segundo Santos (2007, p. 39) a Escola de Ensino Médio Domingo Sávio, posteriormente co-batizada como Liceu de Baturité, com a construção de uma sede na periferia da cidade de Baturité, localizada na parte central da região, entre a serra e o sertão. Em terceiro, foi instituído como Espaço Cultural de Baturité, fundado no ano de 2005, enquanto autarquia municipal vinculada à Fundação de Cultura e Turismo de Baturité, sendo essa a principal política cultural do município.

Por fim, até sua devolução à paróquia, o Espaço Cultural agregou-o a diferentes grupos artísticos, entre eles, quadrilhas juninas, saraus de poesia, grupos de clowns e as companhias teatrais. Tais grupos, dirigidos e formados por pessoas LGBTQIA + e outras cisgêneras da cidade, principalmente vindas das periferias. As principais atividades artísticas e culturais eram desenvolvidas em grande parte autonomamente, pois o espaço era aberto para a formação de plateia, educação cultural, formação de atores e atrizes em sua maioria jovens, além de outras atividades articuladas dentro das agendas do poder público nas zonas urbana e rural do município.

Estas atividades, consolidaram os diversos usos e ressignificações do prédio a partir da reabertura e fundação enquanto Espaço Cultural de Baturité, no período de funcionamento da instituição entre os anos de 2005 e 2017. Em meados de 2017 a Prefeitura Municipal reintegrou à posse da paróquia Cristo Rei, em que o prédio passou por uma revitalização, e assim, retomaram-se as atividades de celebração católica, sob a denominação de Igreja dos Arcanjos. O município tinha cessão de uso do espaço desde

⁴ Sobre o Colégio Salesiano Domingos Sávio, foi fundado em 1º de janeiro de 1930 pelo Padre Luiz José Bezerra de Britto, uma realização do Comendador Ananias Arruda com a cooperação de Dr^a Libânia Holanda e outros, teve suas aulas iniciadas em 9 de março do mesmo ano. Na escola estudavam apenas meninos, no prédio da escola existia a capela de Nossa Senhora Auxiliadora (depois denominada Santuário dos Arcanjos) na década de 1950. (autor: Arned Furtado Rabelo Mustafá). Disponível em: <https://www.facebook.com/baturiteantigaemcores/> Acesso em: 01/03/2022.

a década de 1990, período posterior ao encerramento das atividades religiosas e educacionais pela Inspetoria Salesiana na década de 1970, Entre as principais alegações para o seu fechamento, foi o comprometimento da estrutura da madeira do teto que estava comprometida e a falta de investimentos do poder público para sua restauração e conservação.

Contudo, o cenário ascendente do conservadorismo regado pelos desmantelamentos das políticas públicas culturais, e principalmente as direcionadas à população LGBTQIA +, busca-se problematizar quais as inter-relações da população artística LGBTQIA + no Espaço Cultural de Baturité e a reintegração de posse. Assim, as seguintes questões são direcionadas aos interlocutores da pesquisa. Qual a importância do Espaço Cultural de Baturité na sua experiência enquanto artista e quais os impactos culturais de seu fechamento para sua reabertura enquanto santuário dos Arcanjos, assim referenciado pelas mídias locais.

REVISÃO DE LITERATURA

Alinhando a problemática de investigação dentro da proposta da linha de pesquisa “Gênero, Educação Intercultural, Políticas Públicas e Direitos Humanos” tencionamos junto aos processos discriminatórios e civilizacionais cunhados pela potência do cristianismo no município, e principalmente pela falta de uma política cultural que efetivamente fortalecesse as práticas culturais já consolidadas.

Portanto, apresenta-se uma falta de reconhecimento histórico relativo aos diferentes coletivos artísticos e a constituição da identidade coletiva do “Espaço Cultural de Baturité”, principalmente dos processos políticos e educativos que essas agremiações desempenhavam no espaço, como supracitado, a formação de plateia, atores e atrizes, dentre outras atividades concomitantemente relacionadas ao mundo do teatro e da educação. Pensando sobre essas questões, Louro (2003, p. 10) nos traz o conceito de pedagogias da sexualidade e coloca que,

as transformações sociais que constituíam novas formas de relacionamento e estilos de vida já se mostravam, nos anos 60, profundas e perturbadoras, que se acelerariam ainda mais, nas décadas seguintes, passando a intervir em setores que haviam sido, por muito tempo, considerados imutáveis, trans-históricos e universais.”

Partindo desse pressuposto, problematizamos a gestão cultural e os apagamentos e invisibilidades dos artistas LGBTQIA +, buscando compreender os impactos dessas mudanças e transformações nas políticas públicas culturais. O fechamento do Espaço Cultural de Baturité, constitui uma relação direta com os sujeitos que ocuparam esse lugar de memória e o transformaram em um espaço agregador de culturas e saberes.

Do mesmo modo que, apesar de não haver uma resistência direta junto ao poder público pela manutenção do espaço, contra sua reintegração ao conjunto de bens paroquiais, a decisão acaba por contemplar uma demanda da comunidade em geral, que é a garantia da conservação, restauro e manutenção do bem material, o que não exime o município de sua responsabilidade a contento em atender o conjunto da população nesses quesitos e ainda a garantia do direito adquirido de acesso à cultura, como também atender de forma direta a comunidade com outro espaço para suas atividades.

Contudo, a interrupção das atividades no local gerou um impacto e uma certa desarticulação a contento, mas os grupos que já tem uma trajetória de formação anterior a essa experiência no espaço e outros grupos que surgiram, desenvolveram estratégias para garantir a continuidade de suas produções artísticas, como a atuação mercado de trabalho na área de educação, arte e cultura e outras parcerias na cena cultural da região.

Desse modo, a ocupação do Espaço Cultural de Baturité pela população LGBTQIA + do município, o constituiu-se como um território da diversidade, contrapondo-se a função primeira enquanto espaço religioso (Igreja), dogmático cristão e conseqüentemente cisheteronormativo.

Entretanto, essas atividades culturais de um modo geral no país, vão gerar uma série de tensionamentos pelos setores ultraconservadores e impactando diretamente no esvaziamento e desmantelamento das políticas culturais, no caso do município, as políticas culturais implementadas pelas diferentes administrações do poder público, em vários momentos são negadas as condições mínimas de uso do Espaço Cultural, como iluminação, abastecimento de água, limpeza e principalmente de investimentos na conservação de sua estrutura física.

No contexto político, um novo fôlego é tomado pela onda política conservadora da última década, principalmente com o crescimento da bancada evangélica e outros apoiadores na Câmara Municipal, chegando em 2017, ser pautado o tenebroso projeto

“Escola sem Partido” articulada junto ao deputado federal Eduardo Bolsonaro, deputado estadual Heitor Freire e a bancada conservadora municipal. partindo dessa reflexão. Segundo Trevisan (2018, p. 472),

Foi nesse caldo de cultura política que, na segunda década do século XXI, ocorreu o “nascimento da Vênus”: a nova direita “conceitual”, perita em fake news e afeita aos métodos sensacionalistas da pós-verdade. Essa direita, baseada na veiculação de “conceitos”, aproveitou bem a experiência dos líderes religiosos que foram compor seu campo. Numa guinada “modernizadora”, evangélicos fundamentalistas já vinham utilizando um estratagema curioso, ainda que não novo: cooptaram conceitos brandidos pela esquerda e deram-lhe uma visão ao avesso - o que ainda incluía vários temas da pauta LGBT. A tática foi absorvida pelas novas estratégias da direita. Assim aconteceu com o conceito de liberdade de expressão, brandido como pretexto para reivindicar seu direito de fazer críticas, caluniar e culpabilizar LGBTs. No limite, alimentavam o clima de impunidade para ataques homofóbicos violentos e até letais. Em artigo comentado a agressiva reação de grupos organizados de direita, quando de sua vinda ao Brasil, Judith Butler afirmou: “Liberdade não é - nunca é - a liberdade de fazer mal. Se uma ação faz mal a outra pessoa ou a priva de liberdade, essa ação não pode ser qualificada como livre - ela se torna uma ação lesiva”.

Alinhada às perspectivas dos movimentos políticos conservadores, temos a dimensão culturalmente constituída do ideário de heterossexualização compulsória de nossa sociedade, esse ideário está relacionado a experiência civilizacional e da masculinidade hegemônica do “cabra macho” em que segundo Albuquerque Júnior (2013, p. 172),

É esta natureza que também explicaria uma característica decisiva no nordestino, a de ser másculo, viril, macho. Só um macho poderia defrontar-se com uma natureza tão hostil, só com uma exagerada dose de virilidade se conseguiria sobreviver numa natureza adusta, ressequida, áspera, árida, rude; traços que se identificam com a própria masculinidade. Por isso, até a mulher sertaneja seria masculinizada, pelo contato embrutecedor com um mundo hostil, que exigia valentia, destemor e resistência. Só a masculinidade nordestina, se forjava na luta incessante contra um meio em que apenas os mais potentes, os mais “membrudos”, os mais rijos, homens que nunca se vergavam, nunca amoleciam diante de qualquer dificuldade, conseguiam vencer. Os homens fracos, débeis, delicados, impotentes, frágeis, afeminados não teriam lugar numa terra assim, não sobreviveriam. Ser macho era, pois, a própria natureza do nordestino pelo contato.

Neste sentido, as diferenças sexuais são postas como atributos normativos sempre evocados para marcar tanto a perspectiva biológica dos corpos (vagina para

mulheres e pênis para os homens), enquanto diferenças materiais e determinantes de práticas sexuais ideais, segundo Butler (2003, p. 151-172),

[...] o “sexo” é um ideal regulatório cuja a materialização é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas. Em outras palavras o “sexo” é um construto ideal que é forçosamente materializado através do tempo. Ele não é um simples fato ou condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o “sexo” e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas.

Nesta perspectiva, ao criticar o “sexo” como ideal regulatório, o campo dos estudos de gênero problematiza a sexualização do gênero e a generificação do sexo como marcadores de hierarquização e subordinação das feminilidades. Entretanto, todo o corpo biologicamente masculino, que negue ocupar sua função dentro da estrutura essencialista e naturalizada a partir do sistema sexo/gênero, será compulsoriamente discriminado e subalternizado pelo ideal regulatória representado pelo padrão heterossexual.

MÉTODO

Para o desenvolvimento metodológico deste estudo, seguimos as reflexões de Portelli (1997, p. 8) quando afirma que “há sempre dois temas para uma situação de campo, e que os papéis de observado e do observador são mais fluidos do que poderiam aparentar à primeira vista”. Desse modo, a sensibilidade e o respeito são cruciais nessa relação, rompendo hierarquias na busca de implicações de igualdade no campo de estudo. Assim, falando da pesquisa enquanto experimento de igualdade, Portelli (1997, p. 10) coloca que,

Uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua. Uma troca. Os dois sujeitos, interagindo, não podem agir juntos a menos que alguma espécie de mutualidade seja estabelecida. O pesquisador de campo, entretanto, tem um objetivo amparado em igualdade, como condição para uma comunicação menos distorcida e um conjunto de informações menos tendenciosas. Igualdade, entretanto, não pode ser desejada no fazer. Não depende da boa vontade do pesquisador mas de condições sociais. (PORTELLI, 1997, p. 10).

Mergulhando no campo de estudo, ou seja, dispondo-se a essa mutualidade investigativa, queremos estabelecer tanto a confiabilidade necessária para as pesquisas em ciências humanas e sociais, quanto, potencializar este o estudo a partir de seu objeto, problematizando questões sobre gênero e sexualidade sem negligenciar os aspectos políticos e culturais da população em questão. Desse modo, refletimos com Narvaz e Koller (2006, p. 648) em que,

Entendendo que toda atividade humana, na medida em que está implicada, é política, é preciso que explicitemos nossos pressupostos teórico-epistemológicos e, ao fazê-lo, assumamos os aspectos político-ideológicos inerentes às nossas práticas. Quer na pesquisa, quer na academia ou na clínica, estes aspectos têm sido comumente negligenciados ou mesmo recusados, sob a também ideológica pretensão de neutralidade e objetividade.

A partir do desenho metodológico, a história oral e a técnica de entrevista de história oral de vida, buscamos compreender as experiências individuais e coletivas, assim, dentre os vários grupos que ocupavam o espaço, definimos o recorte de trabalharmos com os interlocutores os atores membros da Companhia de Teatro Degraus. De modo que, a partir de Ecléa Bosi (1994, p. 447) “As histórias que ouvimos referem-se, do início ao fim, a velhos lugares, inseparáveis dos eventos neles ocorridos.” Sobre essa escuta apurada e mutuamente relacional, nos debruçamos após as transcrições para efetivamente realizar as análises e triangulação dessas narrativas e experiências.

Em relação ao campo de análise: “as inter-relações das experiências da população artística LGBTQIA + no Espaço Cultural de Baturité e seu processo de destituição”. Quivy e Van Champenhoudt (1992, p. 157) afirmam que, “Não basta saber que tipos de dados deverão ser colhidos. É preciso circunscrever o campo das análises empíricas no espaço, geográfico e social, e no tempo”. Desse modo, a delimitação do campo de análise, o “Espaço Cultural de Baturité” reflete, diante das experiências de vida dos sujeitos LGBTQIA +, o aporte de dados, suas experiências, e nesse contexto o espaço geográfico e sociocultural delimitado para esta investigação. Sobre a abordagem da história oral, Alberti (2005, p. 29-30) afirma que,

De modo geral, qualquer tema, desde que seja contemporâneo -- isto é, desde que ainda vivam aqueles que têm algo a dizer sobre ele --, é passível de ser investigado através da história oral. Contudo, como qualquer método, a história oral tem uma natureza específica que condiciona as perguntas que o

pesquisador pode fazer. Em se tratando de uma forma de recuperação do passado conforme concebido pelos que o viveram, é fundamental que tal abordagem seja efetivamente relevante para a investigação que se pretende realizar.

Nesse sentido, ao definirmos o objeto de estudo, encaramos o exercício de além de tratar sobre as experiências da população LGBTQIA+ artística, buscamos descortinar tais experiências e sua relação com o Espaço Cultural que fora destituído e resgatar parte dessa história enquanto retribuição e memória cultural do município, pois, pouco existe de registros dessa fase de ocupação e vivência artística e teatral dos anos de sua existência como principal equipamento cultural da cidade.

Segundo Pollak (1989, p. 5) em sua análise sobre memória coletiva e experiências em lugares de memória, afirma que,

Embora na maioria das vezes esteja ligada a fenômenos de dominação, a clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil. Encontramos com mais frequência esse problema nas relações entre grupos minoritários e sociedade englobante.

Portanto, a relação do “Espaço Cultural de Baturité” enquanto um território da diversidade e sua entrega à igreja para tornar-se um equipamento religioso, sem a constituição de um novo espaço, infere um apagamento e silenciamento das experiências da população LGBTQIA + enquanto grupo subalterno frente a sociedade heteronormativa e cristã representada pelo poder público, agente dessa “arbitrariedade” com o equipamento cultural.

Esta pesquisa é de caráter qualitativo e o procedimento metodológico será de história oral. Pretendemos a partir do método de história oral, utilizar entrevistas abertas, coletar os relatos orais para discutir e analisar os apagamentos e (in)visibilidades LGBTQIA + do “Espaço Cultural de Baturité” com os interlocutores, especificamente, homens cisgênero, homossexuais membros da Companhia de Teatro Degraus. Avaliamos as condições a partir das restrições sanitárias implementadas pelos governos, ou seja, para a execução das entrevistas planejamos que sejam feitas por meio de videoconferência pela plataforma do Google Meet ou por encontro presencial previamente agendado e apresentada todas as informações referentes ao estudo para garantia de responsabilidade e confiabilidade.

Ao iniciarmos os primeiros contatos e o planejamento do cronograma de entrevistas, estabelecemos uma boa relação com os interlocutores residentes no município de Baturité/CE, a fim de coletar relatos orais de boa qualidade e iniciar os trabalhos de transcrição das entrevistas, articulação e análises para escrita deste trabalho.

Desse modo, a apresentação e reafirmação dos compromissos de pesquisa até sua finalização está entre os compromissos, assim, sendo necessário a apresentação dos objetivos e metodologia utilizada a cada encontro, como sugerido pela experiência de pesquisa apresentado no texto de Débora Diniz (2007) quando trata sobre “Documentário etnográfico”, apresentando reflexões importantíssimas quando relacionadas ética e metodologicamente com a abordagem de história oral e o método história de oral temática proposto nesta investigação.

Para essas reflexões, seguiremos o campo metodológico da história oral, assim, pelas problemáticas apontadas no projeto, pretendemos analisar as dimensões de gênero e sexualidade, o reconhecimento dos sujeitos enquanto LGBTQIA + e as experiências socioculturais nesta pesquisa. No entanto, para garantir maior credibilidade. A utilização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TECLÉ não está posta como uma condição contratual entre pesquisador e colaborador da pesquisa, mas enquanto mecanismo de credibilidade.

Resultados e Discussões

Apresenta-se a seguir os resultados obtidos na experiência de campo a partir das narrativas orais coletadas enquanto conjunto de experiências individuais e coletivas e das delimitações estabelecidas no traçado metodológico deste estudo.

Inicialmente, analisar-se-á os dados sobre o uso e ocupação do Espaço Cultural pela população LGBTQIA + e outros diferentes grupos no transcurso de seu período de funcionamento, a partir das informações coletadas em campo e outros informes disponibilizados na internet. Participou diretamente da pesquisa um jovem gay, cisgênero, ator de teatro e servidor público municipal lotado na Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Baturité, tivemos conversas informais com outros sujeitos que de

forma indireta colaboraram com o estudo, mas por inviabilidade das condições pessoais e sanitárias em decorrência da pandemia da Covid-19 não puderam colaborar com outras entrevistas dentro do cronograma estabelecido.

No que concerne às experiências iniciais de nosso entrevistado, o Espaço Cultural deu uma nova dimensão cultural ao município, no que tange a formação de novos grupos teatrais e conseqüentemente corroborou com a formação de platéia ampliando o uso e ocupação daquele espaço, como uma das principais atividades foi a profissionalização de uma turma de diretores teatrais, curso ocorrido no Espaço cultural qualificando ainda mas as atividades do segmento cênico no município. O que fica bem explicitado na narrativa a seguir,

Sr. Erivando: [...] Bom dia em relação a minha história de vida no Espaço Cultural, é, acho que desde 2004, ano de 2004 e 2005, é, o Espaço Cultural sempre ele foi muito presente não só na minha vida, como de vários artistas de Baturité de vários colegas, eu me recordo que nesse período tínhamos aqui um movimento estudantil da União dos Estudantes do Maciço de Baturité e posteriormente nós criamos alguns grupos de teatro, alguns já existiam, outros foram criados nesse 2004-2005-2006, especificamente a Companhia Magote que é do nosso colega João Paulo que é diretor da Companhia de Teatro Magote, Companhia de Teatro Degraus do Arnaldo Araújo e o próprio Grupo de Teatro SIM, muito antigo na cidade que por muito tempo organizou a Paixão de Cristo, uns dos espetáculos mais famosos. [...] Foi um espaço muito importante de formação, diversos cursos nós tivemos naquele local, eu me recordo muito bem de um curso de Direção Teatral em 2005 com a Erê Aquino, isso através de um projeto da própria Secult Ceará e que nesse período foram formados é salvo algum engano entre 15 pessoas na área do teatro, direção teatral. **(Entrevista realizada com o Sr. Erivando em outubro de 2021).**

Dentro desta perspectiva, o Espaço Cultural torna-se um centro de acolhimento de sujeitos de diversas gerações, segmentos culturais e a população LGBTQIA +, tanto no que se refere às práticas culturais e ao acesso à cultura, como território político de resistência artística e social. Entre as atividades em destaque desenvolvidas no Espaço Cultural, culminou na experiência de formação de novos profissionais que participaram do curso supracitado. Segundo o Mapa Cultural de Políticas Públicas do Ceará da Companhia Degraus de Teatro, afirma que,

A peça surgiu do curso básico de direção teatral da Secult – Itinerante, no ano de 2006, realizado em Baturité, ministrado por Henê Aquino e Sidney Luto. A peça foi montada com alunos do curso, integrantes do Degraus e teve sua estréia em Acopiara, no XIV FETAC – também fez a I, e a II Mostra de teatro da juventude em Baturité em 2007 e 2008; participou do XIV Festival Nordeste de Teatro de Guaramiranga, circulou no maciço, encenada na

cidade de Redenção, no movimento Teatro Jovem-Liberdade-2008 – em 2009, fez uma apresentação em Icó – Ce também promovida pela SECULT – circulação, tendo o apoio da Prefeitura Municipal de Baturité e Redenção.

Neste sentido, parte significativa dos cursistas são membros da Companhia de Teatro Degraus, dando em maior fôlego para a montagem definitiva do esplendoroso espetáculo “A Greve das Sinhazinhas”. Desse modo, definitivamente todos os atores que encenaram os papéis das quatro sinhazinhas: Aninha, Dleglaucy, Maria Lucia, Inês e de São Francisco quando a peça entrou em cartaz, eram homens-cis, gays e residentes da cidade de Baturité/Ce. O espetáculo foi ensaiado e por diversas vezes apresentado no palco do Espaço Cultural, palco esse que ocupava o lugar que anteriormente fora o altar mor da Igreja Salesiana dos Arcanjos.

Sr. Erivando: desse curso nós tivemos A Greve das Sinhazinhas que foi um espetáculo também dirigido pelo Arnaldo Araújo que é coordenador da Companhia de Teatro Degraus, o texto do espetáculo tem como base as crônicas de Demitri Túlio que é um colunista do Jornal O Povo e a partir daí, desse momento de 2005, isso falando da minha relação pessoal com o Espaço Cultural, essa relação ela sempre foi cada vez mais tendo intensificado, de modo que em 2013, 12 e 13 eu passei a trabalhar naquele espaço, então meu dia-a-dia, minha vivência no Espaço Cultural era cada vez maior, trabalhando na Secretaria de Cultura. **(Entrevista realizada com o Sr. Erivando em outubro de 2021).**

Igualmente, a potencialidade dos grupos teatrais locais, foram desenvolvidos outros projetos que visam agregar a população no circuito cultural, vários desses projetos só foram possíveis pelo empenho e dedicação, muitos deles organizados de forma autônoma pelas as companhias teatrais e os outros segmentos que ocupavam o Espaço cultural e sofreram uma descontinuidade de suas atividades, em decorrência da "arbitrária" devolução do Espaço Cultural a paróquia municipal, como já foi posto, sem debate e proposição para alocar esses grupos em outro espaço, o que compreende-se como uma interrupção de uma política pública cultural consolidada, restando ao conjunto da população LGBTQIA + e aos outros seguimentos a vulnerabilidade da rua e das praças da cidade, sem nenhuma infraestrutura para produção artística e educacional como ocorrerá nos anos de funcionamento do Espaço Cultural. Sobre a dimensão histórica da utilização do espaço e outros pertencimentos, o sr. José apresenta a seguir,

Sr. José: Na verdade, esse espaço era a igreja dos Salesianos. Quando eles foram embora daqui a igreja ficou fechada muitos e muitos anos, e aí depois que reabriram, depois de muitos anos, ela passou a ser uma

escola, uma escola de segundo grau, sabe? E depois passou a ser um Espaço Cultural. Como a nossa igreja passou a ser paróquia, então, aquele espaço retornou e agora pertence a nossa paróquia. E o prefeito, na época, seu Assis Arruda, doou de novo o prédio, que é da igreja para a paróquia. E aí, ela voltou a ser da igreja. Na verdade, na religião católica, uma igreja, ela nunca deixa de ser igreja é igual um padre, quando ele se propõe a ser padre, ele faz um voto de ser sacerdócio pro resto da vida. Ele pode deixar a batina, mas ele não vai deixar de ser padre e a igreja do mesmo jeito, a partir do momento que ela recebe o corpo e o sangue de Cristo, vira o lá dentro, lá dentro da igreja, do prédio, ela nunca deixa de ser igreja, ela pode ser abandonada, pode ser fechada, mas assim, pode ser igreja. E foi isso que aconteceu. Voltou a ser igreja, voltou a ser e a ter missas frequentemente, a casa paroquial está funcionando lá, porque é um prédio muito grande, muito antigo. **(Entrevista realizada com o Sr. José em abril de 2021).**

Todos relegados a intermitência de suas atividades, no caso da população LGBTQIA +, desterritorializada e o que ficou foram as praças, bares e outros equipamentos privados e suscetíveis a discriminação, Lgbtfobia, drogas, prostituição e ao alcoolismo, fortemente marcados nas cidades interioranas do Ceará. Possibilitando o agravamento de vários problemas sociais. Como destacado nas atividades ditas na narrativa a seguir,

Sr. Erivando: Me recordo que nós chegamos a organizar várias mostras de teatro, inclusive trazendo grupos de outras regiões do Estado do Ceará, a própria ideia de um Cine Juventude que nós também realizamos umas sessões de cinema, o cinema que é algo que, a gente vive na terra do pai do cinema, o Luís Severiano Ribeiro natural de Baturité, mas casa de ferreiro o espeto é de pau, não temos um cinema na cidade. Mas a gente conseguia organizar e trazer os jovens pra aquele espaço, um espaço que tinha uma vida, uma vida, ele servia tanto pra formação quanto para o lazer, enquanto espaço de cultura, por que era um espaço que diversos grupos utilizavam, não só o teatro, mas a dança também utilizava aquele espaço, eu digo enfim, diversas atividades, um espaço também abertos pra reuniões, para o encontro de juventude posso colocar, o Hip Hop também utilizou aquele espaço por muito tempo. É, deixa eu ver mais, zumba, Hip Hop, mostras de teatro, conferências, um espaço que ele tinha uma vida e que pra nós foi sem dúvida uma grande perda no sentido de não ter esse espaço físico hoje para essas atividades. Existem diversos prédios públicos que, se solicitados dependendo da demanda ou da situação, que não tenham nenhuma objeção, mas não tem esse espaço específico como o Espaço Cultural de Baturité. **(Entrevista realizada com o Sr. Erivando em outubro de 2021).**

Desse modo, caracteriza-se como uma ação do poder público municipal que beneficia única e exclusivamente uma entidade religiosa, a Igreja Católica e a negligência da Secretaria de Cultura do Estado, a Secult - Ceará pela falta de investimentos nos equipamentos públicos na região do maciço de Baturité, com exceção do município de Guaramiranga enquanto grande polo turístico e cultural da região.

Desse modo, a Igreja Católica mesmo como promotora de cultura, que por sua vez petrificada, dogmática e de salvação, difunde historicamente os padrões de família nuclear monogâmica, o sistema patriarcal e a naturalização de um sistema sexo/gênero baseados na heteronormatividade compulsória e cisgênera de “homem” e de “mulher”. Pensando em termos de estruturas religiosas presentes no município, a narrativa a seguir faz uma análise contundente desse processo de retorno e descontinuidade das políticas públicas culturais e educacionais, ficando apenas perspectivas de projetos e novas ações futuras

Sr. Erivando: Em relação ao retorno do prédio do Espaço Cultural para paróquia de Cristo Rei, o que eu vejo é o seguinte, os espaços religiosos eles existem e é justo que existam como tais, com o devido respeito a todas as religiões, mas em se tratando do Espaço Cultural especificamente, ele tinha também uma função social muito importante, tanto para a cultura, para a juventude e para os diversos grupos na cidade sendo LGBTs ou não, um espaço que era aberto para diversas atividades. A grande questão que fica até o presente momento é, a gente sabe que existem algumas ideias alguns projetos de revitalização de outros espaços na cidade por parte da Secretaria de Cultura, a gente poderia citar também o próprio prédio do armazém da Estação Ferroviária de Baturité, o antigo armazém, o Círculo Operário, mais ainda no campo de ideias e de alguns projetos pensados. **(Entrevista realizada com o Sr. Erivando em outubro de 2021).**

Do mesmo modo, enfatiza-se uma complexidade nesse processo de retorno do Espaço Cultural para a paróquia, que ocasionalmente compromete outro equipamento público, com o fechamento da Biblioteca Pública Menezes Pimentel que funcionava no local, que por um bom período não foi realocada em outro espaço, ou seja, teve seu acervo colocado no galpão da Estação Ferroviária, comprometendo sua função social de acesso a consulta bibliográfica. Neste sentido, Sr. Gilson apresenta sua narrativa referente a suas experiências com o Espaço Cultural, principalmente sobre as questões de afeto, cuidado, produção artística, questões de gênero e acesso a cultura,

Sr. Gilson: Ah velhos tempos aquele Espaço Cultural, eu sempre costumava dizer assim, que “o teatro sempre é uma porta pro social”, quando eu trabalhava na ONG e às vezes ia fazer reunião. Eu fazia uma peçazinha de teatro, com as crianças mesmo, pra transmitir uma mensagem ou alguma coisa e acho que minha relação com o teatro sempre foi isso, muito dos meus amigos meus diziam assim “Gilson tu nunca quis se vestir de mulher não?” eu de jeito nenhum, a minha parte assim, de se vestir de mulher é tudo no teatro, tudo no teatro eu me realizo nessa questão sexual, por que eu mesmo nesse negócio de tá me vestindo de mulher nunca, e no teatro a gente faz tudo né, tem homem que faz mulher, enfim. Também é muito ligado à minha relação da arte com o teatro por que no teatro eu faço tudo, eu costuro, faço cenário, faço objeto de cena e é que tudo tá relacionado a arte, e se não tivesse essa relação com a arte eu acho nem gostava de teatro, eu acho que a minha parte do teatro é essa, e também a questão do teatro sempre foi pra trabalhar as minhas questões pessoais, a timidez, essa história de tá no meio de um bocado de gente, o teatro resolve isso num instante, por que o teatro é muito próximos dessas coisas, você se veste em outra pessoa, você tira a roupa de outra pessoa, você conversa perto da pessoa, você simula um abraço, simula um beijo [...] E hoje eu passo ali onde era o espaço cultural que a gente pintava e bordava ali, que a gente quando tava ensaiando “A Greve das Sinhazinhas” naquele palco, que era o altar da antiga igreja a gente dizia assim “ah meu deus nós estamos profanando que é a igreja”, aí a gente perdeu o espaço e voltou a ser Igreja de novo, e a gente vendo uma missa pensou “ai meu deus quantas coisas a gente num já disse nesse canto aí”, e hoje é um local sagrado [...] Foi muito legal em relação a isso, mas é muito triste ver uma cidade que não cultiva a cultura, teatro já é tão difícil fazer, é tão raro encontrar quem abrace a causa do teatro, aí uma cidade que não cultiva isso, que pessoas serão essas daqui a dez (10) a vinte (20) anos. **(Entrevista realizada com o Sr. Gilson em abril de 2021).**

Ao passo que, o período de criação do Espaço Cultural soma-se a constituição da entidade representativa LGBTQIA +, a Organização dos Homossexuais de Baturité (OHBA) fundada no ano de 2005, que utilizava o espaço para reuniões e o desenvolvimento de suas atividades de políticas, prevenção, acolhimento e distribuição de preservativos do Projeto Entre Nós no Ceará, articulado junto ao Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB), entidade representativa da população LGBTQIA + no estado e organizadora da Parada pela diversidade sexual do Ceará na cidade de Fortaleza. Desta feita, as diversas atividades e utilizações do espaço ficaram interrompidas, sobre isso, pode-se problematizar a partir da narrativa seguinte,

Sr. Erivando: Foi uma decisão muito política na verdade, da gestão que estava neste período de 2017 de retomar o prédio para as atividades religiosas de voltar novamente para a Igreja Católica, então

foi uma questão política também, entendendo dessa forma. É..., mas entendo que foi feito de uma forma muito impensada e que talvez tenha atropelado alguns processos, porque não foi pensado, destinado nenhum espaço no município para a cultura. [...] Então, nesse sentido foi um processo que atropelou um pouco e interrompeu uma política cultural que por mais que não estivesse como é que eu posso dizer totalmente implementada, mais já vinha sendo construída, o que foi construído até ali de uma certa forma se dissipou. Porque era um espaço importante, abrigava a Biblioteca Municipal de Baturité. **(Entrevista realizada com o Sr. Erivando em outubro de 2021).**

Contudo, numa cidade em que toda comunidade, localidade e distritos tem um espaço religioso pertencente à Igreja Católica, cada lugar tem sua capela, sua igreja, o centro da cidade é repleto de igrejas monumentais. Entretanto, não há um desmerecimento de alguma forma a fé, religião ou religiosidade neste contexto, mas esse processo compromete tanto a legalidade administrativa quando exclui o mecanismo de controle que é o Conselho de Cultura, como a continuidade dos trabalhos e equipamentos presentes no espaço e a cultura de Baturité.

Considerações Finais

A cidade de Baturité é conhecida pelos atrativos culturais, turísticos e arquitetônicos, e deixa a desejar pela falta de uma política pública cultural orçada que possa consolidar projetos em continuidade junto à população. O que é estabelecido na Lei Orçamentária Anual (LOA) em grande parte vai para o pagamento de servidores. Contudo, observa-se a falta de parcerias público privadas para manutenção e financiamento das atividades e projetos culturais no município, considerando que uma das alegações da devolutiva do Espaço Cultural para a paróquia frisada nas entrevistas foi a conservação e manutenção do espaço.

Esses aspectos foram percebidos na análise sobre as ações municipais relativas à política cultural do município, presentes tanto na falas dos interlocutores como no argumento das diferentes gestões municipais que justificam a falta de investimento no setor cultural pela questão orçamentária e ou falta de investimento do Estado e Governo Federal, principalmente no pós Golpe de 2018 e conseqüentemente com a ascensão do bolsonarismo e o discurso conservador cristão contra a população LGBTQIA + no Brasil.

Apesar de termos visualizado o trabalho e atuação dos diferentes grupos e segmentos culturais, que de forma autônoma ou em parceria com os comerciantes locais, vem desenvolvendo suas atividades dentro dos campos de atuação dos coordenadores desses grupos que em parte são professores, assim facilitando o diálogo para o acesso aos espaços escolares e assim desenvolverem suas atividades de ensaios e apresentações respectivamente, questão essa vista como alternativa após o “despejo” da comunidade cultural que tinha livre acesso ao Espaço Cultural de Baturité.

Percebemos em ambos contextos urbano e rural no município, os grupos continuaram atuando como descrito na narrativa do Sr. José, que afirma sua atuação no projeto em que trabalhava na zona rural, e que desenvolvia suas atividades culturais, ocupando o espaço do projeto, mesmo que em sua função de trabalho não previsse sua ação política e cultural, especificamente com o teatro.

Além disso, analisando os argumentos sobre a postura da Administração da época do encerramento das atividades do Espaço Cultural, e a solução sobre a inexistência de outro espaço adequado que minimamente suprisse as necessidades como o anterior. Contudo, fica notório com o “aparelhamento” ou “negligência” do Conselho Municipal de Cultura e Turismo, considerando sua função deliberativa e consultiva sobre os assuntos relativos ao ordenamento administrativo desta autarquia municipal.

Por sua vez, fica evidente a falta de resistência sobre o processo de transferência de posse do Espaço Cultural para a paróquia por parte da comunidade artística municipal. Como se houvesse um contentamento esperançoso de que o espaço estaria agora bem cuidado, o que antes não houvera ocorrido sob a posse da gestão municipal.

Ademais, a cidade na sua frágil política cultural compromete o desenvolvimento tanto de diferentes espetáculos teatrais, como a formação de platéia e a representatividade do município em festivais e outras atividades em outros territórios, a exemplo disso temos o já citado espetáculo “A Greve das Sinhazinhas” que representou o município no Festival Nordeste de Teatro de Guaramiranga como no Centro Cultural Fortaleza BNB, que abriu portas e possibilitou apresentar-se em várias cidades do Estado.

Cumpramos realçar que embora haja os instrumentos que garantam estabelecer e normatizar as políticas públicas e culturais nas diferentes esferas do poder público, as

políticas culturais não podem ser controladas e não há nenhuma garantia sobre sua continuidade, considerando que em grande parte são constituídas dentro dos programas de governo e não formalizadas em Lei. Diante disso, podemos considerar as descontinuidades e ataques às instituições culturais ou mesmo a destituição do Ministério da Cultura (Minc) pelo (des)governo atual, somado a outras séries de ataques como o foco deste estudo, que foi a destituição do Espaço Cultural de Baturité em sua multirreferencialidade.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino**: invenção do “falo” - uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.
- ARRUDA, Miguel Edgy Távora. **Calendário Histórico-Cívico-Religioso de Baturité**. Baturité: Fundação Comendador Ananias Arruda, 1990.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** : lembranças dos velhos. São Paulo : Companhia das Letras, 1994.
- BUTLER, Judith. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do “sexo”. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**, v. 2, 2000.
- CARVALHO, Marília Pinto de. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. *Cadernos de Pesquisa* [online]. 2000, n. 109 [Acesso em: 18 Março 2022] , pp. 240-242. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-15742000000100012>>. Epub 14 Jul 2006. ISSN 1980-5314. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742000000100012>.
- DINIZ, Debora. **Ética na pesquisa em ciências humanas: novos desafios**. *Ciência & saúde coletiva*, v. 13, p. 417-426, 2008.
- NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em estudo**, v. 11, p. 647-654, 2006.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- PORTELLI, Alessandro et al. Forma e significação na história oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 14, 1997, p. 7-24. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11231>. Acesso em: 04. jan. 2021.

QUIVY, Raymond; VAN CAMPENHOUDT, Luc. **Manual de investigação em ciências sociais**. 1992.

SANTOS, Jean Mac Cole Tavares. **O ensino médio no interior cearense sob os impactos da reforma: entre o discurso oficial do novo mundo do trabalho e as apropriações/resistências pela escola (1995-2005)**. 2007. 319 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia a atualidade** / João Silvério Trevisan - 4. ed. rev., atual. e amp. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

Fonte Oral:

Erivando. **História oral**. Entrevista I, cedida à Leonardo da Silva Leal. [out. 2021]. Baturité, Ceará, 2021. I arquivo .m4a (25 min.), 1 arquivo word. Arquivo dos autores.

José. **História oral**. Entrevista II, cedida à Leonardo da Silva Leal, [abr. 2021]. Baturité, Ceará, 2021. II arquivo .m4a (43 min.), II arquivo word. Arquivo dos autores.

Gilson. **História oral**. Entrevista III, cedida à Leonardo da Silva Leal. [mar. 2021]. Baturité, Ceará, 2021. I arquivo .m4a (62 min.), III arquivo word. Arquivo dos autores.